

A reflexão da representação midiática para além da privação de liberdade¹

Natália Cristina Padovan SIQUEIRA²
Fábio Nauras AKHRAS³

Resumo

Partindo de como a televisão e as diversas formas de mídia retratam o jovem infrator, esse artigo discute um programa de aprendizado baseado na linguagem audiovisual voltado para esses jovens. Abordando o contexto histórico/econômico/social, o artigo busca descrever qual a situação do jovem em privação de liberdade e qual a sua percepção dos conteúdos televisivos disponíveis. O programa de aprendizado, que utiliza diferentes produtos audiovisuais a fim de dinamizar o repertório cultural dos jovens e propor a reflexão sobre os conteúdos aos quais são expostos, busca aliar tanto a discussão sobre o papel da mídia quanto a sua eficácia na transformação social.

Palavras-chave: Jovem em privação de liberdade. *Media literacy*. Alfabetização em mídias Inclusão social. Televisão.

Introdução

Marcada pelas inovações, a sociedade moderna pode ser identificada a partir da representação da mídia sobre si mesma. Com técnicas avançadas de exibição, a mídia cria a sua grade de programação e permite uma maciça identificação cultural entre o telespectador e o que é transmitido. Para Njaine e Minayo (2002) a forte influência cultural que a mídia possui em relação ao mundo é proveniente da articulação das diferentes formas de olhar o mundo, ou seja, para as autoras, o papel da mídia não é especificamente sobre a criação de julgamentos, mas, sobretudo, a absorção do imaginário social, refinando-o, a fim de promover um contentamento coletivo. No

¹ Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo apoio ao projeto, e à Fundação CASA Campinas e seus funcionários que tornaram possível a realização deste projeto.

² Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

³ Doutor em Educação pela Universidade de Leeds, Inglaterra. Professor do Programa de Pós-Graduação em Mídias no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisador do Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer (CTI).

entanto, essa perspectiva é dificilmente observada quando a abordagem da mídia envolve os jovens infratores.

Vistos como marginais e delinquentes, os jovens infratores são retratados nas reportagens de forma depreciativa e agressiva. Para as autoras, “A periculosidade que lhes é atribuída obscurece qualquer reconhecimento de sua subjetividade, emotividade, historicidade e o fato de serem meninos em fase de crescimento e desenvolvimento.” (NJAINE, MINAYO, 2002, p. 291). Além disso, a comum omissão da sua situação familiar e das suas origens caracteriza uma situação de vida envolta na desordem e no caos social, o que para a sociedade ouvinte das notícias é como dizer que os adolescentes representam um imenso perigo. Outra debilidade na representação desses jovens pode ser vista exatamente pela não representação na mídia das instituições ressocializantes - no caso deste artigo a instituição ressocializante é a Fundação CASA de Campinas/SP - que possuem um projeto pedagógico, mas que muitas vezes são esquecidas devido à generalizações (falas do tipo: ‘esse marginal vai ser assim para sempre’, ‘tá indo pra escola do crime’).

Partindo, portanto, dessa ideia inicial sobre como o jovem infrator é representado pela mídia, este artigo tem como objetivo desenvolver um processo inverso, ou seja, busca mostrar como o jovem em privação de liberdade vê a mídia e que medidas podem ser adotadas (como no caso relatado neste artigo, da implantação de um programa de aprendizado baseado na linguagem audiovisual) para que esse recurso possa ser aproveitado para além da estigmatização social, mas sim para a reflexão e para a transformação social.

Nas seções que seguem, o artigo está dividido em partes que contém: o contexto da formação da pobreza, as medidas tomadas para melhorar/amenizar essa situação com o foco sobre a educação, o surgimento das casas ressocializantes, o projeto realizado (media literacy e metodologias utilizadas) e as possíveis conclusões.

1 Contexto histórico do surgimento da pobreza: oposição Centro/Periferia

A organização da sociedade sempre foi determinada pela oposição de duas camadas sociais, a mais rica e a mais pobre. A sobrevivência dessas camadas decorre da capacidade limitada que o Estado possui de suprir as necessidades mais elementares da vida, surgindo, então, essa separação entre os moradores dos bairros centrais e dos bairros periféricos.

Historicamente percebe-se que a “condição de pobre” possui uma conotação de vagabundo, desocupado e preguiçoso⁴. As inovações tecnológicas provenientes da Revolução Industrial contribuem para essa perspectiva. Já após a 2ª Guerra Mundial, a pobreza e as suas consequências passaram a ser vistas como um problema social, sendo criada, então, uma política específica para a resolução desse “problema”. Posteriormente, a globalização fez com que essa situação se tornasse mais ampla, como uma “condição natural do mundo”.

No Brasil, as inovações econômicas e urbanísticas dos últimos 70 anos são as responsáveis pela segregação de grande parte da população, em um movimento de exclusão oposto àquele que foi idealizado, ou seja, o projeto de inclusão. Aliado à exclusão observa-se o surgimento da discriminação e a institucionalização da marginalização. Como parte integrante do sistema, a pobreza relaciona-se com a marginalização e concretiza a oposição Centro/Periferia (REIS, 2005).

No entanto, o Estado não assume uma postura apática nesse momento, ele cria, então, métodos de ajuda e proteção, a fim de proporcionar o bem-estar, teoricamente, para todos. Nasce, portanto, o “*welfare state*”, o Estado do bem-estar social. Diversos estudiosos discorrem sobre esse tema, mas uma opinião constante pode ser apontada a

⁴ Além do termo “condição de pobre”, observa-se a popularização de outra expressão: “classes perigosas”. Surgida nos anos 1800, as classes perigosas eram formadas por grupos a margem da sociedade civil. Apontados como indivíduos com estratégia de sobrevivência duvidosa, ou seja, alicerçada à margem da lei, essa camada da população era também definida como desafiadora do controle social urbano e propagadora de doenças. No Brasil o termo consolidou-se no final do século XIX – devido à influência européia – e é um meio de classificar as classes pobres e portadoras de vícios, tanto ilícitos como comportamentais.

partir das palavras de Marta Arretche no ensaio: “Emergência e Desenvolvimento do *Welfare State*: Teorias Explicativas” (ARRETCHE, 1995). Ao mostrar a tentativa do Estado em suprir as necessidades individuais e coletivas, o fenômeno proveniente do século XX, visa a provisão de serviços sociais – direito à aposentadoria, habitação, educação, saúde e outros – como a política social responsável pela democratização da sociedade. A criação mínima do bem-estar amplia a noção de cidadania, compreendendo, agora, três direitos básicos: os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais. Apesar dessa conquista, os problemas no âmbito social permanecem e são desenvolvidas inúmeras teorias que buscam a resolução desse conflito social.

Arretche diz que “A ampliação progressiva dos programas sociais, portanto, o desenvolvimento do *welfare state* é o resultado da ampliação progressiva do campo de necessidades culturalmente construídas”, necessidades essas que barram a ação efetiva do governo, uma vez que não se pode apontar qual medida social é a mais efetiva na produção de resultados úteis para a vida de todos.

2 Foco na Educação

A busca, portanto, do desenvolvimento de um meio social mais igualitário, abrangendo os aspectos trabalhistas, sociais e educacionais, inicia-se com uma política especial destinada à criança, política esta que pode ser datada desde o período colonial.

Inicialmente tido como o desprendimento de esmolas e boas ações a fim de salvar as almas infantis, essa “proteção” que recebia o nome de caritativa evoluiu para uma nova concepção do trabalho assistencialista, chamado agora de “filantrópico-caritativo”. Planejado como uma ação benévola que buscava melhorar a vida das crianças, o próximo passo do assistencialismo estatal foi a criação de asilos empenhados nesse fim. Surgem, então, as “Casas de Correção” e “Escolas Educacionais”. Ao possuir a meta de “regenerar os inadaptados socialmente”, as medidas adotadas por essas instituições eram medidas de educação moral, cívica, intelectual e profissional. Aliado a essas medidas a aprovação do Código de Menores em 1927 trouxe outras mudanças significativas para a vida dos adolescentes. Ao impossibilitar que os jovens infratores –

menores de 14 anos - fossem julgados por meio de um processo penal, esses institutos assistencialistas tinham como função fundamental o ensino pré-vocacional e profissional destinados às classes menos favorecidas. No entanto, esse processo caracterizou-se como uma dualização do ensino, ou seja, uma separação entre o ensino destinado à classe dominante, esta em contínua preparação para gerir a sociedade do futuro, e a classe mais baixa, com acesso ao ensino profissionalizante.

Alicerçada no projeto do “Estado Protetor”, as políticas implementadas a partir dos anos 60 visavam, portanto, a proteção do menor e o seu desenvolvimento. Dessa forma é criada em 1964 a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM. Organismo controlado pelo Governo Federal, o trabalho de reabilitação social iniciado no mesmo vê-se em continuidade no final dos anos 70, quando da passagem para o controle estatal, passando a se chamar FEBEM (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor). A FEBEM institui, ainda, como medidas, a reeducação e a disciplina. Os métodos adotados consistiam na internação – se necessária – e a aplicação de uma terapia correcional, com o intuito de tornar os jovens aptos para o convívio em sociedade.

No entanto, as controvérsias do projeto decorrem da desconfiança na real eficácia do mesmo, uma vez que as medidas aplicadas podem ser consideradas tanto como um estímulo à cidadania, quanto como atitudes de contenção, estas não democráticas e bastante autoritárias.

Além dessas controvérsias estruturais o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), criado em 1990, regulamentou as idades permitidas para os jovens permanecerem na FEBEM, sendo 12 anos a mínima e 21 a máxima. Além disso, implanta medidas que garantiam ao jovem infrator um tratamento digno, aliando a medida corretiva ao aprendizado e ao lazer. Altera-se, dessa forma, até a nomenclatura dada ao adolescente em tratamento. Em vez cumprimento de uma “pena”, o interno – o adolescente não é chamado de preso – cumpre medidas socioeducativas. Apesar dessas medidas, o eixo principal de organização da FEBEM permaneceu o mesmo, levantando, portanto, suspeitas relativas à eficiência do programa ressocializante proposto pela instituição (OLIVEIRA, 2002).

A resolução dessa situação surgiu ao final do ano de 2006 quando o governo paulista alterou o nome da instituição, passando a se chamar, então, Fundação CASA (Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente). A reestruturação proposta buscava tanto uma melhoria no tratamento destinado aos adolescentes, como um fim para as diversas críticas destinadas à sua eficácia.

3 A Casa

O projeto de funcionamento da Fundação CASA prevê a construção de unidades de atendimento espalhadas por todo o estado de São Paulo, tanto no interior como na capital – oposto ao que acontecia com a FEBEM, onde havia uma concentração de unidades na capital, o que prejudicava a recuperação dos jovens. Além de terem uma capacidade máxima reduzida, sendo 40 vagas para internação e 16 vagas para a internação provisória, outro ponto que simboliza a mudança é a tentativa de internar o jovem na Fundação mais próxima da sua família, facilitando, portanto, a sua reinserção social. Aliada a essas medidas, a característica que merece mais destaque na organização da CASA é a implantação das oficinas ressocializantes.

A parceria firmada entre a Fundação e diversas instituições públicas e privadas tem como resultado a possibilidade de propor a esses adolescentes o conhecimento de novas maneiras de formação, tanto profissional como humana. Oficinas de música (muitas são ministradas através do Projeto Guri, com aulas de canto e teoria musical), oficinas de artesanato, oficinas de esportes, oficinas de carta, capoeira, oficinas de empreendedorismo, dança, teatro e muitas outras. Essas oficinas costumam ser realizadas no período da tarde, já que durante a manhã os jovens frequentam as aulas ministradas na Fundação.

Os resultados obtidos com essas medidas podem ser classificados como positivos já que as taxas de reincidência caíram uma porcentagem razoável, e mais expressiva é a queda no número de rebeliões.⁵

⁵ Os dados utilizados para compor essa informação foram retirados do site da Fundação CASA: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/> - Acesso: 23.04.2012.

4 O Projeto

O projeto intitulado “*Conteúdos para Inclusão Digital em Mídia de Comunidades de Menores em Privação de Liberdade*”, cujo auxílio do CNPq permitiu a sua concretização, consistiu de um programa de aprendizado que foi proposto como uma oficina a ser aplicada na Fundação CASA Campinas.

A Fundação CASA Campinas localiza-se em um dos bairros mais violentos de Campinas e recebe jovens tanto de Campinas como das cidades próximas, Sumaré, Paulínia, Americana e Indaiatuba. A proposta pedagógica da Fundação segue o eixo proposto na sua criação, ou seja, define-se pelo período de aula que os internos têm na parte da manhã e na realização de oficinas no período da tarde.

No entanto, nem todos os jovens participam das oficinas propostas pela Fundação e como alternativa, passam a tarde assistindo TV na sala de vídeo. Sem controle e sem senso crítico, a programação aberta da televisão brasileira incorpora-se na vida dos meninos e forma cidadãos comuns e passivos. A fim de alterar esse cenário, a oficina proposta por nós buscava auxiliar na reinserção do jovem na sociedade por meio da aplicação da *media literacy*, ou seja, o uso de vídeos, propagandas, curtas-metragens e videoclipes que pudessem tanto entreter como orientar os jovens a novas formas de pensamento.

5 Media Literacy

O uso da mídia atualmente é feito em praticamente todas as áreas da vida, desde o uso para a comunicação de massas, entretendo e informando, como um uso mais particular, auxiliando na formação de um indivíduo apto para viver na Sociedade da Informação. Constata-se, dessa maneira, que a alfabetização tecnológica audiovisual apresenta-se como um requisito da sociedade moderna. Ela permite uma maior interação entre os indivíduos, aproximando-os e possibilitando o intercâmbio de experiências (RUBERTI & PONTES, 2001).

Para a formação desses indivíduos alfabetizados através do audiovisual, novas formas de ensino-aprendizado devem ser desenvolvidas, surgindo, dessa maneira, a

media literacy. Acima de formar indivíduos através de inúmeras linguagens e diversas temáticas multimídia, a alfabetização em mídias pretende fundamentar uma relação autônoma e crítica do indivíduo com todas as mídias, implicando conseqüentemente nas relações comerciais, políticas e ideológicas.

As novas mensagens audiovisuais tem, no contexto atual, um papel determinante na sociedade da cultura e auxiliam ainda nos modelos de comportamento da sociedade atual. Como um grande representante desse campo, a televisão é vista tanto como um meio rico em informação como de alienação. Utiliza-se, então, a *media literacy* que tem como objetivo preparar crianças e jovens para entender a linguagem audiovisual utilizada pela mídia, em filmes, televisão e propaganda, para torná-los capazes de compreender as mensagens que vem do uso dessa linguagem em vários contextos e com vários propósitos (O'NEIL & HAGEN, 2009; SANTOS & AKHRAS, 2011).

A partir desse ponto detalha-se o projeto em questão, que possui como objetivo central o uso da *media literacy* como um instrumento de transformação social.

6 Metodologia

Planejado para ser desenvolvido por meio de uma oficina de audiovisual, o projeto recebeu o nome sugestivo de “Oficina de Cinema” e foi realizado na Fundação CASA de Campinas no período de agosto a novembro de 2010. As sessões foram programadas para seguirem o seguinte roteiro:

- Exposição de um aspecto teórico audiovisual, como: planos cinematográficos, montagem, arquétipos, a relação *plongee* e *contra plongee* entre outras;
- O uso de algumas técnicas audiovisuais, como: o manuseio de um flipbook⁶ e de quadrinhos (construção de histórias);
- O papel que as propagandas possuem na atualidade;
- A influência dos videoclipes;

⁶ Também pode ser chamado de “cinema de bolso”, pois utiliza a técnica de reunir imagens seqüenciais em um bloquinho e quando este é folheado dá a impressão que um vídeo é criado, aparecendo o movimento sem o auxílio de uma máquina.

- Os filmes e qual o seu papel social.

Seguindo esses tópicos, as aulas foram planejadas para mesclarem tanto a apresentação teórica como a criação, tanto audiovisual como intelectual, dos jovens. Para não tornar cansativo e maçante a exposição de conceitos técnicos, o trabalho com o conceito de “montagem”, por exemplo, foi aliado à exibição do videoclipe “Take On Me” da banda A-Ha. Além disso, esse mesmo conceito foi explorado em uma atividade de construção de histórias em quadrinhos. Os adolescentes receberam fragmentos de histórias em quadrinhos e puderam criar, livremente, histórias próprias. Essa atividade de criação estimulou nos adolescentes tanto o lado artístico como a reflexão sobre quais histórias eles criariam, que podem ser semelhantes a momentos vividos por eles, ou a situações por que almejam um dia passar.

Após uma pequena preparação teórica o enfoque da oficina passou para outra etapa na qual o objetivo seria estimular nos adolescentes a reflexão e a postura crítica. O trabalho passou a ser realizado, então, através do uso de vídeos e de propagandas. Essas formas de comunicação possuem uma abordagem mais direta e bastante ampla, e o seu uso se justifica nesse contexto uma vez que a maior referência audiovisual dos adolescentes é a televisão, com as suas novelas e seus filmes comerciais.

O trabalho com as propagandas foi feito a partir da percepção de qual mensagem é transmitida pela mesma. Utilizando as cinco perguntas formuladas por Share, Thoman e Jolls (2005): *quem criou essa mensagem; que técnicas criativas são usadas e atraem a minha atenção; como diferentes pessoas podem entender as mensagens de uma forma diferente da minha; quais valores, estilos de vida e pontos de vista são representados ou omitidos nesta mensagem; e por que essa mensagem foi enviada*, trabalhamos as propagandas veiculadas na televisão buscando a reflexão dos jovens. Propagandas de produtos de beleza em novelas, de carros esportivos exibidas no intervalo das novelas e até as propagandas de canais educativos foram utilizadas e debatidas a fim de que as mensagens transmitidas pudessem ser compreendidas acima do senso comum, mas através de uma postura crítica e participante.

Os vídeos escolhidos buscavam tanto entreter como despertar o mínimo de curiosidade a respeito da sua intenção. As bandas escolhidas apresentavam em seus

videoclipes tanto mensagens sociais como o uso das técnicas audiovisuais anteriormente trabalhadas. Três vídeos escolhidos faziam parte de uma campanha da *MTV* lançada em 2008 chamada *EXIT MTV*⁷. Os videoclipes “Goodnight, Travel Well – The Killers”, “All I Need – Radiohead” e “MK Ultra – Muse” são exemplos dessa campanha e abordam situações de degradação humana, com exploração sexual, exploração do trabalho infantil, agressão, tráfico de pessoas e desigualdades sociais. Esses temas foram recebidos pelos meninos com certo estranhamento. O desconforto pode ser interpretado como uma tentativa de evitar o tema da exploração, uma vez que o mesmo é apontado pelo setor psicossocial como um dos pontos integrantes da vida dos adolescentes no momento anterior ao ingresso na Fundação.

Apesar do choque de realidade obtido com esses videoclipes, observamos que o projeto de conscientização social através do audiovisual surtiu um efeito positivo, ou seja, a postura crítica dos adolescentes exerceu o seu papel e os mesmos puderam expressar a sua opinião, esta de repulsa ao assunto tratado.

A última ferramenta audiovisual utilizada na aplicação da oficina foram os filmes – optamos pelo uso dos curtas-metragens uma vez que a sua duração reduzida permitia mais tempo para a discussão. Curtas da Pixar foram utilizados, como “One Man Band” e diversos outros. No entanto, foi reservado para a última aula o stop-motion de Norman McLaren “Neighbours”. Filmado em 1952 pelo cineasta escocês-canadense, a história do curta, apesar do reduzido tempo, 8 minutos, possibilitou a reflexão dos jovens.

Tendo como enredo a disputa de uma flor por dois vizinhos que possuem tudo igual, a violência crescente que é mostrada no vídeo foi analisada pelos meninos de maneira bem divergente. Como maneira de facilitar essa interpretação, seis perguntas foram feitas aos meninos:

1. Descreva o que você viu, em poucas palavras. O que acontece, quem são os personagens?
2. O que chama a sua atenção nesse vídeo? (pense sobre as cores, a trilha sonora, a montagem, o movimento da câmera)

⁷ Campanha desenvolvida pela MTV cujo objetivo principal é garantir as pessoas o direito da escolha, escolher onde vive, onde trabalha, quais amigos possui; ou seja, a garantia dos direitos humanos.

3. Qual é o pensamento de quem fez esse vídeo? Qual a sua opinião sobre o assunto tratado?
4. Como pessoas diferentes de você assistiriam a esse vídeo? O que elas achariam?
5. Esse vídeo te lembrou alguma coisa que você já viu?
6. Por que você acha que esse vídeo foi feito?

As respostas dadas abrangeram tanto os aspectos visuais do vídeo, com alguns adolescentes destacando o “caráter não realista do filme”, como o aspecto moral do mesmo. Alguns não acharam relevância de sentido na alegoria da flor para a briga. Já a violência mostrada foi vista como algo condenável, principalmente aquela aplicada em relação à mulher – nesse ponto alguns adolescentes sentiram o mesmo tipo de desconforto demonstrado nos videocliques da campanha EXIT MTV, principalmente quando a violência é aplicada sobre a mulher. Essa violência foi explicada, também, devido à falta de diálogo entre as pessoas. Para outro adolescente o filme tenta passar uma mensagem contra a ambição, afirmando: “Os dois podiam ter dividido a flor”; além disso, relaciona o tema do vídeo com um assassinato cometido por seu primo: “A ambição gera destruição.”.

No entanto, uma resposta obtida foi inesperada. Um adolescente relacionou o vídeo como um incentivo à violência, apontando os recentes casos de brigas e rebeliões como um exemplo ilustrativo. Completa a sua análise com a seguinte frase: “Quando você arruma uma briga você e seu adversário brigam até a morte”.

Apesar dessa resposta, a oficina novamente teve uma resposta positiva, já que os adolescentes refletiram sobre aquilo que foi mostrado e puderam expressar a sua opinião.

Acima das respostas relativas aos vídeos, a oficina como um todo foi muito bem aceita, despertando nos adolescentes um interesse tanto em aprender sobre as técnicas audiovisuais, como em assistir a diferentes tipos de curtas-metragens e propagandas. Em alguns momentos a fala dos meninos não era tão expressiva, talvez pela timidez, por isso resolvemos abordar as questões de forma escrita, o que surtiu um efeito muito mais positivo.



Cenas do curta-metragem *Neighbours* (1952), Norman McLaren © *National Film Board of Canada*

Conclusão

Objetivando, portanto, nesse artigo, a discussão sobre ‘qual a visão do jovem sobre a sociedade representada na mídia’, procuramos mostrar um lado que não havia sido abordado antes, invertendo a temática comum, e destacando a importância dessa visão na construção das relações sociais atuais. Partindo da premissa comum de que a visibilidade social é concebida, hoje, de forma efêmera e midiática (SILVA, 2008), através dos meios de comunicação, especialmente a TV, procuramos estimular os atores sociais ‘vítimas’ dos estereótipos televisivos – os adolescentes em privação de liberdade – à reflexão sobre o verdadeiro papel da mídia, e qual a sua possível alternativa.

O resultado desse projeto foi bem positivo, uma vez que as formas de mídia escolhidas foram aceitas e analisadas não apenas sobre a perspectiva da diversão, mas sobre um olhar que está em treinamento e que um dia poderá auxiliar na transformação social. Ao mostrar a forte influência que um vídeo possui na sociedade da informação, percebe-se que o propósito da sua realização vai muito além da imagem, mas atinge pessoas com percepções distintas em diferentes partes do mundo. Este bom prognóstico nos motiva a planejar uma nova etapa da oficina, na qual a reflexão sobre a

transformação através da *media literacy* não será restrita à sociedade em privação de liberdade, mas sim em um contexto ampliado, tal como um contexto global.

Referências

ARRETCHE, Marta T. *Emergência e desenvolvimento do Welfare State: Teorias Explicativas*. BIB. Rio de Janeiro, 1995.

NJAINE, Kathie; **MINAYO**, Maria Cecília de Souza. *Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade*. *Ciência e Saúde Coletiva*, 7 (2): 285-297, 2002.

OLIVEIRA, Maria Cecília Rodrigues de. *O processo de inclusão social na vida de adolescentes em conflito com a lei*. Ribeirão Preto, 2002. 186p.

O'NEILL, Brian e **HAGEN**, Ingunn. *Kids Online: Opportunities and Risks for Children* (chapter 18 "Media Literacy") in: *Media Literacy*. Dublin Institute of Technology, 2009.

REIS, Elisa Pereira e **SCHWARTZMAN**, Simon. *Pobreza e Exclusão Social: Aspectos Sócio Políticos*. São Paulo: Banco Mundial, 2005.

RUBERTI, Isabela e **PONTES**, Aldo Nascimento. *Mídia, Educação e cidadania: Considerações sobre a importância da alfabetização tecnológica audiovisual na sociedade da informação*. *ETD – Educação Temática digital*, Campinas, v.3, n.1, p.21-27, dez.2001.

SANTOS, Lilian Cristina & **AKHRAS**, Fabio Nauras (2011). *Media Literacy: Uma Experiência Brasileira*. *Rumores*, v. 5, n. 2, pp. 80-104.

SHARE, Jeff; **JOLLS**, Tessa; **THOMAN**, Elizabeth. *Five Key Questions that can Change the World – Classroom activities for media literacy*. Center for Media Literacy. 2005.

SILVA, Jane Santos da. *Os adolescentes infratores e o simulacro da violência brasileira*. *Revista em Pauta – Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*. Número 21, 2008. p. 197-200.

Referências on line

Fundação CASA: <http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/>

Videos no YouTube:

Take on Me: <http://www.youtube.com/watch?v=djV11Xbc914&ob=av3e> – Acesso 24.04.2012

Goodnight, Travel Well: <http://www.youtube.com/watch?v=IoTBclI22Dk> – Acesso 24.04.2012

All I Need: <http://www.youtube.com/watch?v=DV1hQSt2hSE> – Acesso 24.04.2012

MK Ultra: <http://www.youtube.com/watch?v=j7wN04nYCJA> – Acesso 24.04.2012

One Man Band: http://www.youtube.com/watch?v=2-_SsfVbkDk – Acesso 24.04.2012

Neighbours: <http://www.youtube.com/watch?v=rgVk6SzirKs&feature=related> – Acesso 24.04.2012.